



## **“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”**

**Eixo temático:** Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social

**MOBILIZAÇÕES EM CONTEXTOS DE PANDEMIA:** o caso do Movimento Seja Vivo e da Fábrica Suburbana

DANIEL ALBUQUERQUE ROCHA <sup>1</sup>

### **Resumo**

A pandemia pelo novo Coronavírus trouxe fortes impactos societários e deixou à tona o risco das escolhas políticas recentes. O esforço posterior na compra de vacinas foi permeado por um discurso negacionista e com casos de corrupção, que foram escancarados na CPI da Covid. De forma muito resumida, a resposta do governo Federal foi catastrófica e mesmo criminosa. Mesmo diante dessas adversidades, as favelas e os bairros periféricos se tornaram mais uma vez laboratórios de ações inovadoras de mobilização popular. O presente artigo apresentará duas iniciativas, que os autores do presente artigo estiveram diretamente envolvidos e que envolveram lideranças/moradores de favelas e bairros do subúrbio carioca, assim como acadêmicos e profissionais diversos. São pequenas iniciativas, que se juntam às diversas mobilizações midiáticas ou anônimas, que, em seu conjunto, evitaram uma catástrofe ainda maior na cidade do Rio de

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Puc-rio

Janeiro.

### **Palavras-chave**

Covid, mobilização política; favelas

### **Abstract**

The pandemic by the new Coronavirus brought strong societal impacts and brought to light the risk of recent political choices. The subsequent effort to purchase vaccines was permeated by a denialist discourse and with cases of corruption, which were exposed in the CPI of Covid. In short, the response of the federal government was catastrophic and even criminal. Even in the face of these adversities, favelas and peripheral neighbourhoods have once again become laboratories for innovative actions of popular mobilisation. This article will present two initiatives that the authors of this article were directly involved in, involving leaders/residents of favelas and Rio's suburbs, as well as academics and professionals. These are small initiatives, which join the various media or anonymous mobilizations that, as a whole, avoided an even bigger catastrophe in the city of Rio de Janeiro.

### **Keywords**

Covid, political mobilisation; favelas

## **1. Introdução**

A pandemia pelo novo Coronavírus trouxe fortes impactos societários e deixou à tona o risco das escolhas políticas recentes. Como afirma Leite (2020: 2), os governos neoliberais foram forçados a romper sua ortodoxia para lidar com a pandemia. De certa forma, como conclui a autora, a crise sanitária desnudou o “Estado mínimo”. A fragilidade das novas relações de trabalho colocou grande parte da população sem nenhuma garantia de proteção para o isolamento forçado. Apesar da resposta tardia do governo e dos

problemas burocráticos, que colocaram milhares de pessoas em risco em filas intermináveis, o benefício emergencial proposto pelo parlamento e aplicado pelo governo federal foi uma das poucas respostas coerentes do governo federal à pandemia e suas consequências.

O esforço posterior na compra de vacinas foi permeado por um discurso negacionista e com casos de corrupção, que foram escancarados na CPI da Covid. De forma muito resumida, a resposta do governo Federal foi catastrófica e mesmo criminosa. O presente artigo, apoiando em uma versão publicada anteriormente, se baseará em experiências realizadas nos primeiros meses da pandemia, procurando descrever iniciativas realizadas para responder as demandas dos moradores de favelas.

Da mesma forma, a pandemia, ao mesmo tempo que demonstrou a importância de um Sistema Único de Saúde público e universal, revelou a precariedade de nosso sistema de saúde, sobretudo na cidade e do Estado do Rio de Janeiro. Os diferentes casos de corrupção envolvendo recursos no combate ao coronavírus, sobretudo na construção de hospitais de campanha, justificaram inclusive o processo de impeachment do governador. Como destacaram Gonçalves e Gleijeses (2020), a resposta do governo federal foi catastrófica. O presidente minimizou a doença e, sem nenhuma empatia com os milhares de mortos, desdenhou das vítimas. Em plena pandemia, o país viu três ministros da saúde se sucederem à frente do combate à pandemia e sem nenhuma coordenação nacional, assistimos estarecidos os colapsos dos sistemas públicos de saúde em cada estado (Clapp, Gonçalves e Bastos, 2020). O pano de fundo do discurso dos poderes públicos, sobretudo capitaneado pelo governo federal, se concentrou na falsa dicotomia entre a importância de quarentena para “proteger vidas” e a necessidade de volta ao trabalho para “proteger a economia” (Leite, 2020). Tal posicionamento impactou iniciativas populares e medidas de prevenção dos outros entes federativos; provocou milhares e milhares de mortes e reforçou de forma exponencial a própria crise econômica.

A pandemia colocou em debate também as condições de moradias em favelas e as condições dos serviços públicos nesses espaços. A precariedade e intermitência do acesso à água nas favelas, as condições de habitabilidade e a precariedade dos serviços de saúde deixaram à tona as dificuldades habituais dos moradores de favelas. O pior, como demonstra relatório da FIOCRUZ sobre a posição dos agentes comunitários de saúde, foi o negacionismo sobre a severidade da pandemia, especialmente de entes governamentais, o que afetou a aderência ao isolamento social das comunidades pobres, aumentou o medo dos próprios agentes comunitários de saúde das suas funções rotineiras durante a

pandemia e impactou a capacidade de mobilização social local (Costa et ali, 2020).

Além da precariedade e mesmo do negacionismo dos poderes públicos, a situação mais incompreensível foi o aumento das operações policiais justamente durante o ápice da pandemia, que demandava maior necessidade de isolamento social. Como descreveram Gonçalves e Maciel (2020), os primeiros meses de 2020 foram os mais sangrentos. Há inúmeros relatos de moradores e militantes, que tiveram que suspender atividades contra a Covid por causa de operações policiais<sup>2</sup>. Até o mês de junho de 2020, o Rio de Janeiro foi o estado com o maior número de operações policiais: 2.772 e também o maior número de mortos: 483,<sup>3</sup> o que levou o Supremo Tribunal Federal a suspender as operações policiais nas favelas da cidade<sup>4</sup>.

Mesmo diante dessas adversidades, as favelas e os bairros periféricos se tornaram mais uma vez laboratórios de ações inovadoras de mobilização popular. Apresentaremos a seguir duas iniciativas, que os autores do presente artigo estiveram diretamente envolvidos e que envolveram lideranças/moradores de favelas e bairros do subúrbio carioca, assim como acadêmicos e profissionais diversos. São pequenas iniciativas, que se juntam às diversas mobilizações midiáticas ou anônimas, que, em seu conjunto, evitaram uma catástrofe ainda maior na cidade do Rio de Janeiro.

## 2. Experiências de mobilização popular no contexto da pandemia

*Movimento Seja Vivo*

### Logotipo do Movimento Seja Vivo

---

2 Verifique um dos casos no seguinte endereço: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/05/21/entrega-de-cestas-basicas-e-interrompida-por-tiroteio-no-rj-jovem-morre.htm> (acesso agosto de 2020)

3 Ver <https://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/redetvnews/videos/seguranca/rj-tem-o-maior-numero-de-mortos-em-operacoes-policiais-diz-pesquisa>. (acesso agosto de 2020)

4 Após a proibição das operações foram 72,5% menos morte no Rio, destaca o Jornal Brasil de Fato, publicado em 04 de agosto de 2020. Para mais informações acesse: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/04/stf-mantem-suspensao-das-operacoes-policiais-em-favelas-durante-pandemia> (acesso agosto de 2020).



O Seja Vivo é uma iniciativa pensada e idealizada pelos professores Rafael Soares Gonçalves, professor do departamento de Serviço Social da PUC-Rio e coordenador do LEUS (Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais) e o professor Celso Sanchez Pereira, professor da UNIRIO e coordenador do GEASur (Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur). No início de março de 2020, enxergaram que as favelas e áreas periféricas da cidade estavam sendo negligenciadas pelo poder público no enfrentamento da Covid 19. Para isso, mobilizaram seus alunos, profissionais de distintas áreas e lideranças locais para pensarem ações de enfrentamento à Covid 19. A primeira preocupação era pensar formas de popularizar o acesso à informação, sobretudo em relação aos cuidados básicos de prevenção para a população na pandemia.

Duas questões saltavam aos olhos no início da pandemia. Em primeiro lugar, a abordagem elitista da quarentena. Tendo como modelo o caso europeu, a mídia destacava as famílias nos balcões de Milão ou Madrid, festejando aniversários ou tocando instrumentos musicais. Ora, mesmo para a Europa, a abordagem era distante da realidade e não identificava a precariedade das moradias e o desemprego crescente da população mais pobre da Europa. Isso era ainda mais gritante para a realidade brasileira e carioca. Como falar em isolamento social nas favelas, áreas densamente ocupadas e, muitas vezes, com forte concentração de moradias e com muitas pessoas morando em um mesmo cômodo? Era preciso trabalhar com os moradores das favelas para identificar os problemas e propor

soluções possíveis para contextos específicos.

Um segundo aspecto rapidamente identificado era a dificuldade de obter informações coerentes. O novo coronavírus trazia questionamentos diversos e a impressão é que todos, médicos, gestores e cientistas, não tinham certezas de tratamento e prevenção. As incertezas eram exponencialmente aumentadas diante da politização em torno da Covid 19 e a profusão das fake news sobre a doença, impulsionadas inclusive pelos dignitários do país. Em um contexto de pós-verdade<sup>5</sup>, o movimento Seja Vivo tinha, assim, por objetivo trazer informações coerentes e sérias e de forma acessível. Para isso, precisávamos aprender e convidamos para compor o grupo biólogos e sanitaristas. Entendemos que não adiantaria boa informação sem bons canais e formas de transmiti-la, o que nos levou a convidar artistas, comunicadores, assistentes sociais e profissionais de TI ao movimento. A centralidade das ações se deu com os moradores das favelas e bairros periféricos, sobretudo alunos das universidades dos coordenadores do Movimento, que trouxeram conhecimentos e saberes centrais para as ações empreendidas. Enfim, aprendíamos juntos, seguindo os ensinamentos do Mestre Paulo Freire (1996): “quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.”

A primeira iniciativa veio por uma demanda para a produção de um folheto explicativo sobre o Coronavírus. Já nos primeiros dias da quarentena, em fins de março de 2020, o folheto foi idealizado pelo comunicador Márcio Rolla e ilustrado pelo artista Maurílio Soares e contou com a participação de inúmeros profissionais, que ajudaram na construção do material.<sup>6</sup>

O folheto fez tanto sucesso, que nos foi indicado de fazer versões para colorir para serem usados pelas crianças. Disponibilizado na internet, ele foi usado por diferentes grupos e chegou a ser publicado no Jornal O Cruzadão, do Conjunto São Sebastião (a Cruzada no Bairro do Leblon) e está elencado como iniciativa relevante pela UNIRIO.<sup>7</sup> Ele chegou a ser traduzido para o Espanhol e o Quéchua e circulou em vários países da América Latina.

---

5 Ver, por exemplo, a definição da expressão no dicionário Oxford: <https://www.lexico.com/definition/post-truth> (acesso outubro de 2020).

6 A maior parte do trabalho foi realizado por whatsapp e eventualmente em encontros virtuais.

7 <http://www.unirio.br/covid/material-educativo/movimento-seja-vivo>

## Capa do folheto Seja Vivo

**TEM ALGUMA DÚVIDA?**

Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ  
facebook.com/fiocruz.ensp  
ensp.fiocruz.br/

Associação Brasileira de Saúde Coletiva  
facebook.com/AbrascoDivulga/  
www.abrasco.org.br

Disque saúde - 136  
SAMU - 192  
Bombeiros - 193  
Defesa civil - 199  
Procon - 151  
Central de atendimento a mulher - 180  
Defensoria pública - 129  
Aplicativo saude.rio

Baixe o app do SUS  
(gratuito na loja de aplicativos  
do seu celular)

**Movimento Seja Vivo!**  
movimentosejavivo@gmail.com  
Twitter e Instagram: @sejavivo  
Facebook.com/SejaVivo-106051687710815/

**SEJA VIVO !!**

AJUDEM AOS  
MAIS VELHOS

LAVEM AS MÃOS  
COM FREQUÊNCIA...

LIMPEM SUPERFÍCIES  
E EMBALAGENS

SÓ SAIAM DE CASA  
SE FOR MUITO  
NECESSÁRIO

Arquivo pessoal da coordenação do Seja Vivo (2020)

**Miolo do folheto traduzido em Quéchua**



Arquivo pessoal da coordenação do Seja Vivo (2020)

O movimento procurou identificar iniciativas possíveis para colaborar no combate à pandemia. Pensou em um aplicativo para acompanhamento dos assintomáticos e sintomáticos leves, assim como estimular a organização de espaços de acolhimento para aqueles que precisavam se isolar ou fomentar a construção de bicas d'água coletivas para locais em favelas com acesso intermitente à rede pública. Apesar de dias de discussão, muitas das iniciativas não se concretizaram. Podemos citar ao menos duas iniciativas, que se realizaram.

Diante do aumento de circulação de pessoas em favelas, discutimos junto com lideranças de favelas da Zona Oeste a possibilidade de circular carros de som em algumas favelas. Conseguimos, nos finais de semana de abril e maio, colocar carros de som nas favelas da Muzema, Tijuquinha, Vila da Paz, Invasão, Cloro e Rio das Pedras. Os carros de som anunciavam medidas básicas de higiene e cuidado para a população das favelas com mensagens de caráter informal, fazendo alusão a realidades vividas no local. O conteúdo e a edição das mensagens, assim como a busca de recursos para pagamento dos carros de som foram realizados pelos membros do grupo. Essas mensagens continuam sendo divulgadas nas rádios-postes da favela de Rio das Pedras.

Outra ação do movimento do Seja Vivo que teve bastante repercussão foi a Criação de um Podcast.<sup>8</sup> Foram gravados e lançados onze episódios que trataram de assuntos relevantes sobre o período de isolamento social que a população precisou cumprir. O programa teve duas fases: em um primeiro momento, foram abordados temas sugeridos pelos próprios ouvintes e participantes do Seja Vivo, sendo eles: O que é Coronavírus?; Dicas básicas de prevenção; Favelas e Periferias; Violência Doméstica; Psicologia em tempo de Quarentena; Alimentação Saudável e o Papel do Serviço Social no enfrentamento à Pandemia. Em um segundo momento, foram abordados a realidade da pandemia em outros países (Chile, Estados Unidos, Índia e Peru).

Com a gradual retomada das atividades a partir de julho de 2020, a atuação do movimento ficou mais discreta. Provavelmente, o movimento já deu sua pequena contribuição, sobretudo diante da profusão de iniciativas diversas, que emergiram nas favelas com saberes e práticas extremamente complexas no trato da pandemia. Observa-se que a rede estabelecida no movimento Seja Vivo permitiu que outras iniciativas emergissem. Muitos alunos assumiram funções em iniciativas dos locais onde moram, assim como algumas lideranças de favelas se inseriram em outras redes de mobilização, dando continuidade às suas iniciativas, o que se demonstra como fundamental diante das enormes demandas que se manterão no pós-pandemia.

### *A Fábrica Suburbana*

Trata-se de um coletivo de promoção do Subúrbio carioca através de redes de fomento e divulgação de pessoas, iniciativas e empreendimentos suburbanos, com o objetivo de superar a invisibilidade da região e inseri-la na construção de um novo modelo de Cidade. Um grupo de moradores do subúrbio da cidade iniciou o coletivo logo após a morte da vereadora Marielle Franco. Em 2018, a Fábrica Suburbana realizou sua primeira ação chamada de Fórum Suburbano, que reuniu, nas dependências do Cinema Ponto Cine no bairro de Guadalupe, Pesquisadores e Empreendedores Suburbanos para debater a cidade.

Apesar do sucesso desse encontro, a Fábrica Suburbana teve um hiato de 2 anos e só retornou as suas atividades diante dos desafios impostos pela pandemia da Covid 19. Os seus idealizadores, ao verem que em meio a pandemia o subúrbio carioca estava sendo

---

8 Idealizado e executado pelos Coordenadores do Movimento Seja Vivo com o apoio técnico de Daniel Rocha (Mestre e doutorando da PUC-Rio) e Bruno Albuquerque (estudante de jornalismo da UNICARIOCA).

negligenciado, resolveram reativar a fábrica suburbana como um perfil em diferentes redes sociais, buscando valorizar as práticas da população suburbana no esforço de construir um novo modelo de cidade. A Fábrica Suburbana conta com uma vasta gama de profissionais, moradores ou oriundos do subúrbio carioca.

Aproveitando as mídias sociais, as ações da Fábrica Suburbana foram divididas por temáticas para atingir o máximo de pessoas possíveis, sempre com temas relevantes, linguagem popular e acessiva para toda a população e procurando dar centralidade ao subúrbio carioca. As ações são divididas entre lives, colunas e Stories do Instagram. As lives foram divididas da seguinte forma:

- i. **Subcinema Urbano:** visa valorizar as produções cinematográficas de moradores de favela e do subúrbio carioca e debater os estereótipos criados pelos meios de comunicação sobre os moradores periféricos;
- ii. **Subteatro Urbano:** trata da dificuldade dos moradores de periferias em acessar os equipamentos culturais da cidade, destacando os atores e diretores suburbanos que não conseguem apresentar seus trabalhos aos seus pares e
- iii. **Estudos Urbanos:** busca ouvir pesquisadores sobre as experiências de cidade e de que maneira é possível buscar uma cidade mais justa, trabalhando principalmente as histórias, memórias e desafios atuais da população suburbana e periférica em geral.

**Cartaz de um dos eventos organizados pela Fábrica Suburbana**



Página do facebook da Fábrika Suburbana<sup>9</sup>

As colunas se dividem da seguinte forma:

- i. A **Baú suburbano** trabalha através de contos a memória do suburbano e suas experiências na cidade;
- ii. A **Gastronomia Suburbana** busca, através da alimentação tipicamente feita nos subúrbios e favelas, valorizar as suas origens e assim resgatar a sua própria história, tendo como princípio que um povo que tem sua memória preservada e valorizada, sempre lutará pela melhoria de sua cidade e de seus pares;
- iii. A coluna **Turismo Suburbano**, por sua vez, busca valorizar o território suburbano e suas particularidades, elencando os pontos de interesse turístico na região.

---

9 <https://www.facebook.com/771732663158698/photos/a.1287471308251495/1315427262122566/> (acesso outubro de 2020)

---

- iv. A **Zona Oeste e suas Histórias** trabalha relatos mais específicos sobre a Zona Oeste do Rio de Janeiro. Mesmo não sendo necessariamente identificado com o subúrbio carioca, a Zona Oeste partilha muitas questões também vivenciadas pelos moradores do subúrbio da cidade;
- v. Por fim, a coluna **Maternidade e Paternidade Suburbana** ilustra com imagens e textos as experiências de mães e pais suburbanos nesse período de pandemia e de isolamento social.

Nos stories, a Fábrica Suburbana busca divulgar atividades culturais e sociais dos subúrbios e periferias do Rio de Janeiro e mostra um pouco da realidade dos bairros suburbanos de forma leve e descontraída. Com todas essas ações, a Fábrica Suburbana busca, em meio à pandemia e ao isolamento social, valorizar o subúrbio carioca na busca por uma cidade mais justa e igualitária. A ideia é que com o retorno das atividades presenciais, a Fábrica Suburbana possa intensificar suas atividades no esforço de valorizar essa região e seus moradores.

### **3. Conclusão**

As iniciativas que emergiram nas favelas e periferias demonstram um fino conhecimento dos moradores aos problemas ali existentes e as possibilidades de ação. Muitas dessas iniciativas não tiveram somente que fazer frente à ausência do Estado, mas combater o próprio Estado. Além do Rio de Janeiro ter apresentado uma das mais altas taxas de letalidade da Covid 19 no país, a cidade teve, como mencionado, suas mais altas taxas de mortes por operações policiais nas favelas, sobretudo de pobres e negros, reforçando a necropolítica (Mbembe, 2016) como política de Estado.

As ações descritas anteriormente mostram a importância que o maior acesso ao ensino superior trouxe ao país. A passagem de moradores de favelas e áreas periféricas pelo ensino superior trouxe novas ferramentas para o próprio trabalho social e, o mais importante, suscitou novos questionamentos à academia, trazendo uma perspectiva de transformação gradual do recorrente elitismo das universidades. É claro que ainda há muito o que ser feito nos processos de produção de conhecimento, mas a maior democratização do ensino superior está trazendo mudanças no próprio papel da universidade em nossa sociedade.

Ao observar as diferentes iniciativas contra a Covid 19 nas áreas periféricas, constatamos a presença de saberes complexos, que não se limitam somente a noção de solidariedade. Tais iniciativas demandavam gestão de pessoas, recursos e estoques, hierarquização de demandas, formulação de prioridades diante de recursos escassos, conhecimento de políticas públicas e de instrumentos jurídicos e mesmo conhecimentos epidemiológicos sobre a pandemia. No entanto, como sublinha Cunha et ali (2015) em relação à organização dos favelados em contextos de desastres, os saberes ali produzidos circulam em espaços restritos e são sistematicamente negligenciadas por instituições, especialistas e sistemas públicos de informação. Ora, a catástrofe da Covid 19 só não foi maior, porque justamente tais iniciativas responderam aos desafios impostos pela pandemia, compreendendo as particularidades desses espaços e as possibilidades de ação. Algumas dessas iniciativas acabarão junto com a pandemia e outras podem perdurar e reconverter suas ações para novos desafios vindouros. Favelas, subúrbios e áreas periféricas em geral devem ser finalmente compreendidas não como parte do problema, mas, ao contrário, como parte das soluções para a complexa realidade que se desenha no período pós-pandemia.

### **3. Referência Bibliográfica**

ABREU, Maria Marcial. Movimentos populares e classes subalternas – indicação teórica. In. Revista de Política Pública. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 1995, v. 1, n.1, jun/dez, p. 127 – 139.

CLAPP, Andreia, GONÇALVES, Rafael Soares e BASTOS, Valéria Pereira, *A crise provocada pela COVID-19: antigos problemas em um novo cenário* in LOLE, Ana, STAMPA, Inez e GOMES, Rodrigo Lima (org), Para além da quarentena: reflexões sobre crise e pandemia, 2020, p.146-156.

COSTA, Nilson do Rosário et ali, Agentes comunitários de Saúde e a pandemia da Covid-19 nas favelas do Brasil in FIOCRUZ, Observatório Covid 19/Informação para ação, 2020.

CUNHA, Marize Bastos da et ali, O desastre no cotidiano da favela: reflexões a partir de três casos no Rio de Janeiro, *Revista O Social em Questão*, nº33, 2015, p.95-122.

FREIRE, Paulo, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 25ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Rafael Soares, Covid 19 e as formas de resistência social nas favelas cariocas, in Magalhães, Alex Ferreira et ali (org), Cidades: dilemas, desafios e perspectivas, Rio de Janeiro: UVA, 2020 (no prelo).

LEITE, Marcia Pereira, "Biopolítica da precariedade em tempos de pandemia", Dilemas. Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, sessão especial reflexões da pandemia, 2020, pp. 1-16.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios, nº 32, 2016, p.123-151.